

Mulheres resistindo à violência - Episódio 1: Luto pelas 56 na Guatemala

VH: Quando eu enterrei minha filha, eu prometi a ela que eu ficaria lá até o fim. Ela sempre esteve ao meu lado. Porque eu sinto a presença dela, que ela está comigo. Eu vou ao cemitério e eu falo pra ela: “Eu nunca vou deixar de lutar por justiça pra você”. Ela sabe, onde quer que ela esteja, que nunca vou deixá-la. Nunca.

Esta é Vianney Claret Hernández Mejía falando sobre sua dedicação a sua filha, Ashly Angely Rodríguez Hernández

Eu sou Renata Peppi e você está ouvindo Mulheres Resistindo à Violência, onde compartilhamos histórias de mulheres latino-americanas transformando suas comunidades através da luta contra a violência de gênero. Um aviso: este episódio contém referências a mortes e abusos que podem ser angustiantes para alguns ouvintes.

SA: No dia 8 de março de 2017 às 7h45 da manhã, 56 meninas que estavam sob a proteção do Estado da Guatemala foram queimadas vivas em uma sala de aula de 7 por 7 metros. 41 delas perderam a vida e as 15 que conseguiram sobreviver ficaram com cicatrizes e amputações que as farão lembrar—pro resto da vida—desse massacre que ficará marcado na história da Guatemala e do mundo.

Essa é Stef Arreaga, do Ocho Tijax—um grupo de cidadãs feministas que acompanhou as famílias das meninas desde o início, desde a identificação dos corpos até a campanha pela justiça. As meninas, que tinham entre 14 e 17 anos, estavam sob cuidado do Estado em um orfanato institucional—o Hogar Seguro Virgen de la Asunción, nos arredores da Cidade da Guatemala, quando perderam a vida de uma maneira devastadora. Mais de 4 anos depois, ainda não há justiça para essas meninas.

Embora os detalhes exatos não sejam claros, Kimy de León, jornalista e outro membro da Ocho Tijax, explica o que levou à tragédia. Kimy está usando uma máscara durante a entrevista—

KDL: O procedimento de institucionalização de crianças, e particularmente de mulheres, é cheio de falhas.

As meninas que precisam ser protegidas pelo Estado são tratadas como criminosas. Elas vivem em condições sub-humanas ou em condições em que elas são maltratadas.

O que aconteceu foi que um grupo de meninas cansou das condições em que elas viviam. Elas viram a chance de escapar. Até então, elas tinham apenas registrado queixas. Agora elas estavam prontas para se rebelar.

Elas foram rastreadas na área e presas. Mais tarde, as autoridades as trouxeram de volta para o orfanato. Depois de muita discussão, as autoridades decidiram trancar as meninas. Depois, como sabemos, começou um incêndio.

Nós ainda não conseguimos explicar exatamente como o fogo começou. O que sabemos é que a partir daí as pessoas começaram a construir uma narrativa oficial que culpava as meninas por terem iniciado o incêndio.

SA: Elas foram informadas de que elas não sairiam daquela sala de aula por um bom tempo. Elas começaram a fazer planos de fuga.

Mesmo agora, nós não sabemos como ou quem foi que começou o incêndio, mas a explicação lógica pode ser que as meninas pensaram que quando alguém visse a fumaça e abrisse a porta cada uma delas iria escapar.

Mas, não foi isso que aconteceu. A sala de aula começou a queimar. Agora que nós falamos com as adolescentes, elas nos disseram que o fogo começou mais ou menos controlado, mas, em seguida, em um momento—em um segundo—o fogo ficou fora de controle e tudo começou a queimar.

O som dos gritos das meninas foi ficando mais alto. A polícia estava rindo e zombando delas, alguns policiais gravaram vídeos e tiraram fotos. Mas outros policiais começaram a perceber que as coisas estavam saindo do controle e procuraram o chefe, para que ele abrisse o cadeado de metal da porta. Quando eles chegaram com o chefe, eles dizem que falaram “Chefe! Chefe! As meninas estão queimando! Abra a porta—você tem a chave!”. E os policiais dizem que a resposta que tiveram foi: “Deixa queimar, deixa queimar, aquelas putinhas nojentas”. E eles deixaram queimar por mais de 9 minutos.

17 morreram dentro da sala de aula e o restante foi levado ao hospital.

Diante dessa tragédia terrível—As mulheres de Ocho Tijax começaram a se reunir, depois de terem acompanhado denúncias anteriores de abusos contra as meninas no orfanato, a morte suspeita de uma menina e relatos de possível tráfico de pessoas na mídia. Com o agravamento da situação, as mulheres decidiram que deveriam intervir. Mayra Jimenez é outra fundadora da 8 Tijax e também a mãe da Stef:

MJ: Então, nós somos apenas pessoas normais, nós estávamos nas nossas casas ou no trabalho e nós nos reunimos, várias de nós éramos amigas e telefonamos umas pra outras porque tudo isso estava passando na TV. E aí nós começamos a pensar, o que podemos fazer?

Algumas de nós foram dar suporte nos hospitais e outras foram direto para o orfanato. Nós iríamos ajudar com o que precisassem e em tudo que fosse útil. Então, vamos!

Quando chegamos no orfanato, era um tumulto de gente, tinham muitas famílias, não havia informação—ou era escassa....

No meio dessa mistura de dor, confusão e frustração com a falta de comunicação das autoridades, as mulheres que se tornaram Ocho Tijax se apresentaram para tentar fornecer apoio às famílias em pânico e as respostas que elas precisavam. Elas compilaram uma lista com os nomes das meninas que ainda não haviam sido encontradas, para qual hospital foram levadas, e das que não sobreviveram, e até acompanharam as famílias quando foram identificaram os corpos de suas filhas.

SA: Essa parte foi extremamente dolorosa porque as mães ficaram muito emocionadas e algumas desmaiaram. Foi muito intenso ter que ser, naquele momento, a pessoa que tinha que informá-las sobre a morte de suas filhas—meninas que tinham todo o seu futuro pela frente, que tinham vidas, que tinham sonhos, mas que não estavam mais lá. E que isso tinha acontecido, que elas tinham morrido de uma forma tão cruel. Essa foi a coisa mais difícil.

MJ: Você vê, desde o início, estávamos assumindo funções que deveriam ter sido desempenhadas por funcionários do governo, certo.

SA: Essa lista depois se tornou o registro oficial, a primeira lista que tornou públicos todos os nomes das meninas que faleceram e das que já haviam chegado aos hospitais.

A comunidade começou a se reunir de uma forma muito importante. Havia algumas pessoas muito pobres que vieram com panelas cheias de feijão ou arroz, ou elas se levantavam cedo para fazer tortilhas, tortilhas maravilhosas e quentinhas, para as pessoas que esperavam no necrotério. Foi como uma onda de compaixão naquela época, foi muito especial. E em *nenhum momento* o estado *fez alguma coisa*.

LINK: Com essa onda de compaixão humana e apoio e apesar da falta do estado (que chegou a ver Stef amamentando alguns dos filhos das famílias em luto), as mulheres que formaram 8 Tijax desenvolveram um vínculo muito forte com as famílias—elas se conectaram com as suas filhas nas circunstâncias mais extremas.

SA: É muito raro como viemos a conhecer as meninas, seus passados e o que seriam seus futuros. Nós as conhecemos no necrotério, as conhecemos quando estavam em um caixão, e depois fomos conhecendo, aos poucos, um pouco da vida de cada uma delas. O que elas iriam gostar, o que elas iriam estudar, o que elas queriam ser. E todas essas coisas que aprendemos com o passar do tempo. E nós viemos a amar muito essas meninas embora nós nunca tivéssemos a oportunidade de conhecer elas em vida. Nós nos comprometemos com elas...com suas memórias.

Nós fizemos uma promessa para as suas famílias que conseguiríamos justiça, porque depois de todos esses eventos havia tanto estigma em torno dessas meninas, em torno das mães

...As pessoas diziam que elas mereciam isso, que elas morreram porque eram pessoas ruins, porque elas eram delinquentes.

Então, havia aquele outro lado, aquele outro lado da sociedade, e também tinha um estigma tão forte contra as mães, não contra os pais—contra as mães—as responsabilizando diretamente pela morte das próprias filhas.

E assim, fizemos essa promessa e também nos envolvemos na luta jurídica desde o início. Nós representamos 14 das meninas, 9 mortas e 5 sobreviventes, por meio do Escritório de Direitos Humanos, um grupo de advogados que estão nos ajudando a apresentar esses casos.

Tinham muitos casos para começar, mas devido à falta de fundos não conseguimos cobrir o custo de todos e tivemos que deixar alguns dos casos com a Fundação de Sobreviventes, outra fundação que está nos ajudando muito nesta situação.

Foi no necrotério que as mulheres do 8 Tijax encontraram pela primeira vez Vianney Hernandez:

VH: Estou com o coletivo Ocho Tijax desde o começo. Elas estiveram lá por todas as mães, verificando como estão indo as coisas, o que está acontecendo, também como estamos psicologicamente, e elas nos ajudaram muito.

Como mãe, eu tenho sido capaz de ajudar outras mães, e também eu procurei por projetos para fornecer mais ajuda, porque eu sinto que não é um compromisso, é uma promessa que fiz a minha filha Ashly, então para mim isso não é mais só por ela, mas pelas 41 meninas, para mim elas são minhas filhas, e eu tenho que estar lá, apesar da discriminação que nós sofremos.

Graças a Deus, encontramos mulheres que, apesar de nunca terem conhecido as nossas filhas, elas estão aqui, lutando com a gente, exigindo nossa justiça.

As mães e quem as apoiam enfrentam uma luta difícil, cheia de preconceitos, obstruções judiciais e intimidação. Stef Arreaga:

SA : A falta de justiça, a impunidade nesse caso, o quão lento tem sido, é como uma tortura psicológica para as famílias. Por causa dos atrasos e da forma como o processo avança, mesmo quando os acusados têm mais de cinco acusações criminais contra eles—incluindo homicídio. Até então, algumas pessoas foram acusadas e alguns grupos já estão no tribunal, mas é importante mencionar que, mesmo após quatro anos e meio, eles não começaram o processo de julgamento ainda—tudo ainda está no estágio intermediário e tem até um grupo que ainda está no primeiro estágio.

Vianney não faltou uma audiência desde a morte de sua filha Hashley, apesar do processo emocionalmente exaltante e do desrespeito demonstrado para com as mães

VH: Eu tento ser forte pelas mães, para que elas realmente vejam que se elas não puderem estar lá, eu estou lá falando em nome de suas filhas.

Eu sou porta-voz das 56 meninas, porque as outras mães não podem estar lá - algumas trabalham, nós temos renda baixa, tem muitas mães que não estão bem. Elas têm sido apoiadas psicologicamente, mas não suportam que, durante as audiências, nós somos discriminadas. Eles têm dito que não podemos chorar, nem mesmo podemos olhar para eles. Como eles dizem, nós somos culpadas pelas meninas estarem lá, pelas meninas morrem lá.

É frustrante, cansativo, ir e vir. Eles cancelam as audiências, mudam de juízes constantemente. É algo que me incomoda muito, muito. O caso não está indo pra frente, está estagnado—a pandemia piorou tudo—estamos em uma situação pior, por isso é preocupante para nós, as mães.

É uma bênção ter gente que não trabalha pro governo, que está lutando pela nossa causa ... porque ninguém, de nenhum Estado ... nem ninguém do estado da Guatemala veio a nenhuma das mães, a ninguém, pra falar: “Olha, nós vamos investigar, vamos agilizar o processo, para que haja justiça”. Honestamente, o estado não se preocupa com as crianças.

VH: Eu mesmo trouxe minha filha pro orfanato porque ela fugiu, ela fugiu da nossa e... Fui eu, diretamente, quem a trouxe lá, para protegê-la de...de algumas pessoas com quem ela tinha feito amizade.

O Estado me disse pessoalmente que ela seria bem cuidada, que ficaria bem, que seria educada, que teria tudo o que precisasse ...“Ela vai ficar melhor do que quando ela estava com você”. Então, simplesmente não era verdade. Não era verdade e minha filha estava sofrendo naquele lugar.

Além de tudo isso, o preconceito sobre por que as meninas estavam no orfanato em primeiro lugar alimenta ainda mais preconceito, muitas pessoas presumem que elas estavam lá por terem cometido atividades criminosas. Mayra Jimenez -

MJ: O fato é que as meninas estavam lá por vários motivos. Sobre as gangues, essa coisa das gangues—*Maras* como chamamos aqui na Guatemala, naqueles lugares, as zonas vermelhas, eles tentavam recrutar algumas meninas pra gangues e havia mães que, para proteger as filhas, foram informadas sobre o orfanato e decidiram que deveriam mandar suas filhas para lá para proteger a vida dessas meninas.

Dado que as meninas estavam sob proteção do Estado quando a tragédia ocorreu, as constantes obstruções para atrasar o processo, que envolveram muitas figuras importantes do governo e da polícia, podem não ser tão surpreendentes. Vianney explica

—

VH: O que está acontecendo é que eles não querem, porque tem muita coisa por trás disso: as meninas foram discriminadas dentro do lar. Elas foram espancadas, foram estupradas, tinha uma rede de tráfico de crianças...eles fizeram muitas coisas com as meninas lá dentro, então, é inconveniente para eles fazerem uma investigação adequada.

E, realmente, como mãe de uma menina de 14 anos, não consigo compreender a força que a Vianney precisa para continuar passando por tudo isso que aconteceu com ela. Minha filha tem exatamente a mesma idade que Ashly tinha quando foi assassinada. Eu vejo minha filha sorrir, eu vejo ela dormir, eu olho pras suas mãos, seus pés, seu jeito de andar, seus gestos—e eu gosto de todas essas coisas, de ver essas coisas, entende?

E é assim para Vianney, ela é uma mulher que nós admiramos por sua resiliência—só de ver a sua força de vontade para continuar lutando por justiça para sua filha e para todas as outras meninas.

Além de apoiar as famílias diretamente, Kimy de Leon, do 8 Tijax, decidiu criar Nos Duelen 56—Luto pelas 56—uma campanha de arte global para homenagear as meninas e tentar aumentar a conscientização sobre o caso e a busca por justiça.

KDL: Achamos que deveríamos fazer algo para homenageá-las porque muitas pessoas estavam atacando as famílias online e na mídia, estavam vitimando elas de novo.

Então, eu tive a ideia de criar a ação global Nos Duelen 56 (Luto pelas 56). Pensei em reunir diferentes artistas—homens e mulheres da Guatemala e de outras partes do mundo—para ilustrar as meninas. Nem tinha passado um mês desde o crime, quando pensamos em convidar os artistas.

Então, enviamos a cada artista o arquivo de fotos que tínhamos. Junto com os nomes, enviamos alguns dados, como o que elas queriam ser, o que estudavam e do que gostavam. A partir disso, cada artista se inspirou e fez um retrato. Os estilos eram únicos de cada artista.

Simplesmente dissemos que era para homenagear a vida de cada uma das meninas e que deveriam fazer o que inspirasse cada um deles. Pensamos na arte como uma linguagem que pudesse nos ajudar não só a lembrar das meninas, mas também a ter outras narrativas que mexessem emocionalmente com a nação.

Esperávamos que as pessoas comesçassem a ter mais empatia por uma causa como essa, com as meninas e suas famílias. Não era apenas uma forma de lutar contra a falta de informação.

As famílias das meninas ficaram realmente comovidas com os retratos. Há alguns minutos atrás, uma das mães nos contou que ela estava andando na rua, que tinha visto o retrato de uma de suas filhas na parede e que isso teve um impacto muito grande pra ela. Acho que o que pretendíamos fazer era honrar a memória delas. A ajuda das famílias nos permitiu alcançar isso e elas ficaram muito emocionadas com tudo isso.

VH: Fiquei...triste, com saudade, sabendo que as meninas foram ilustradas por outras pessoas, sem as ter visto [vivas], sem as ter conhecido e de saber...senti...me senti feliz, porque sabia que havia pessoas lá com a gente, para buscar justiça.

E o meu, uh, eu gostei porque Ashly estava usando muitas cores. Gostei porque ela era assim. Ela era uma criança com um caráter forte. Ela era temperamental, quer dizer, ela era assim: brava, mas ao mesmo tempo comigo ... comigo ela era feliz, ela era uma criança que estava sempre ao meu lado, a mais nova, e que era rebelde e forte. Ela me amou muito.

Quando ela brincava comigo, ela dizia: “Me ensina a dançar, você sabe dançar. Eu não sei”, e nós dançávamos. O retrato dela, eu gostei, eu vi parte dela nele. Eles são realmente adoráveis, os retratos das meninas.

KDL: A ação global Nos Duelen 56. Nós chamamos isso de um grito da arte para tentar criar um ato permanente de lembrança que visibilize e homenageie as 41 meninas que morreram e as 15 que sobreviveram.

Nos Duelen 56 é também uma campanha permanente, cujo objetivo é estar presente durante todo o processo penal e na luta pela justiça.

No início, nós traçamos um plano. No primeiro ano, houve ações presenciais. Tínhamos contato com artistas e cantores. Por exemplo, uma artista feminista chamada Rebeca Lane se tornou uma espécie de embaixadora da campanha e das famílias. Ela conseguiu muito apoio pras famílias. Na verdade, ela lançou seu último videoclipe recentemente que apresenta a campanha Nos Duelen 56 e parte do vídeo é dedicada às meninas. As ilustrações dos artistas que participaram da campanha também foram destaque.

[MÚSICA]

Embora a arte tenha sido essencial para a visibilidade global da campanha, memoriais criados pela comunidade, que também incluem arte, se tornaram locais onde as mães podem estar de luto, os apoiadores podem se reunir e os protestos podem começar. A partir do momento em que a tragédia se tornou conhecida, Mayra explica, as pessoas instintivamente se reuniram para homenagear as meninas, fora do Palácio Presidencial—

MJ: Quando estávamos no necrotério, a comunidade começou a reagir, as pessoas começaram a se reunir no parque central. Nós não vimos isso, ficamos sabendo disso muitos, muitos dias depois, e vimos algumas fotos muito comoventes da praça central. Pessoas trouxeram flores, velas ...

Naquele mesmo ano, 2017, algo começou a se formar no parque. Alguns dos nossos colegas com algumas das famílias das meninas mortas, no parque central, na Plaza de las Niñas, como

ficou conhecida, colocaram uma placa comemorativa. Todos os nomes das 41 meninas que morreram estão lá, e foi colocada no centro do parque.

As famílias também decidiram fazer um círculo com 41 cruces feitas por uma das mães das meninas mortas.

E elas foram rasgadas por ordem do então ministro da Cultura e Esportes que estava no governo de Jimmy Morales ... Ele ordenou que as cruces fossem retiradas porque eram um perigo. Elas representavam um “perigo”. Entre aspas, ha, quero dizer, que perigo algumas cruces representam?

O governo ergueu um memorial no terreno do Hogar Seguro, o orfanato. É como se estivesse em uma parede e os nomes de todas as meninas estivessem inscritos nela. Muitos dos nomes estão errados, e há um que se repete. Ninguém vai lá e isso não representa nada. De qualquer forma, as mães colocaram mais cruces, com a ajuda de algumas de nossas colegas feministas que trabalham e lutam pelos direitos humanos.

E também algumas mulheres maias realizaram cerimônias. Aquele lugar é representativo das meninas.

Uma provação visível na cara dessa injustiça significa que o memorial tem sofrido ataques contínuos nos últimos 4 anos—desde a remoção inicial obrigatória pelo governo até o vandalismo mais recente:

MJ: As cruces foram atacadas várias vezes. Uns cinco ou seis dias atrás, o espaço parecia ter sido queimado, as cruces arrancadas ... quebradas. E esse é o ataque mais recente que tivemos ao memorial das meninas. É uma mensagem bastante óbvia de desprezo, de ódio pelas meninas e pelo que aconteceu. Semeia o horror, o terror e a dor sobretudo nas famílias e nos grupos que se preocupam com este caso.

A Plaza de las Niñas e o memorial no Hogar Seguro Virgen de la Asunción tornaram-se um símbolo do desrespeito amplo e brutal pela vida feminina na Guatemala—Stef Arreaga:

SA: O espaço, a Plaza de las Niñas tornou-se o centro, um local central para protestos. Há muitos protestos, principalmente protestos feministas lá.

Só desde o início deste ano, ocorreram entre 2 a 3 feminicídios por dia e desaparecimentos de meninas—de mulheres e adolescentes. Ocorreram mais de 15 desaparecimentos por dia. Então, quando nós mulheres nos encontramos, vamos à Plaza de las Niñas, a Praça das Meninas, nos reunimos em torno das cruces, onde estão os nomes das meninas mortas. Cantamos, trazemos flores, trazemos velas e mulheres fazem cerimônias maias.

Tornou-se um lugar muito importante para a nossa luta, um espaço onde podemos gritar, onde podemos exigir nossos direitos. Tornou-se um lugar de busca por dignidade para mulheres, para meninas, e na luta pela justiça—como sempre, para o caso do orfanato Hogar Seguro e outros casos em que ainda existe impunidade para crimes contra mulheres.

No entanto, inicialmente, existia uma tensão para Vianney entre como ela se sentia sobre o memorial e como ela se sentia sobre o caso na justiça

VH: No começo eu não queria saber nada sobre as cruces, nada. Eu não queria, porque meu objetivo não era estar lá na praça, me preocupava mais com as audiências.

Às vezes algumas mães me irritam. Fiquei irritada porque eu dizia para elas: “Vamos para as audiências, vamos para as audiências, o mais importante é estar lá”. Então eu fiquei irritada porque, eu dizia a eles, “Eu estou sozinha lá”.

Mas agora também estou envolvida nisso—com o coletivo na praça. Estamos lá pelas meninas, exigindo, gritando, nos apoiando, outras companheiras que também estão lutando, para que nossa voz seja ouvida, ouvida em todos os lugares.

SA: Olha, as famílias ...Eu queria dizer uma coisa. Provavelmente é muito difícil, muito triste, mas essas famílias estão acostumadas a ser desprezadas, repugnadas, acostumadas à pobreza e, em toda a vida, quase nunca receberam um abraço ou expressões de compaixão pela situação em que se encontram, ou pelas suas queixas. Então, para elas, ter esses espaços que homenageiam suas filhas, isso é algo que enche seus corações.

Esperança e resistência são definitivamente necessárias nessa batalha contínua por justiça pelas meninas. Ocho Tijax não tem financiamento e luta para garantir os recursos necessários para continuar apoiando as famílias e sua luta na justiça—Kimy de León descreve como Nos Duelen 56 garante que a campanha continue—

KDL: Até hoje, a campanha Nos Duelen 56 tem se dedicado a manter o caso na mídia; produzindo textos, notas, ensaios; mantendo a discussão nas redes sociais focada no caso sempre que há uma mudança importante no processo judicial. Atualmente essa campanha está basicamente online. Felizmente, o movimento feminista também fez sua própria campanha, então a maioria das pessoas usa #NosDuelen56 ao fazer um ponto feminista.

Claro, o relacionamento com as famílias faz parte da campanha, que inclui reforçar as vozes das famílias como protagonistas dessa história. E também há a militância política com a qual minhas colegas trabalham. Também quero mencionar que isso tem acontecido com recursos zero.

Muitas das famílias tiveram sérios problemas de segurança. Até crimes foram cometidos contra elas. Algumas das irmãs das vítimas do feminicídio, as irmãs das meninas que morreram, foram assassinadas junto com suas mães.

É chocante que algumas das mães e irmãs das meninas queimadas até a morte no Hogar Seguro também tenham se tornado vítimas de violência. Com o longo processo judicial e a intimidação em curso na Guatemala—Stef espera que buscar justiça em nível internacional.

SA: Olha, existe um clima de impunidade, ok, de injustiça. Então, depois de esgotar os processos judiciais aqui na Guatemala, no sistema nacional, achamos que vamos levar isso para o nível internacional—o tribunal internacional de direitos humanos. Porque é realmente preocupante que eles não estejam dando a atenção que este caso merece. E que as sentenças serão mínimas mesmo quando forem proferidas—se forem.

Justiça, para mim, Stef Arriaga, é a garantia de que o que aconteceu nos dias 7 e 8 de março de 2017 no ‘abrigo’, nunca se repita.

MJ: E como Stef diz, precisa haver sentenças proporcionais, sentenças justas. Infelizmente, no fundo do meu coração, estou dizendo a você, e não é porque sou um pessimista, sou apenas um realista sobre este país cheio de injustiças—acho que será o contrário. Estão adiando todas as audiências, o início do julgamento, todo o processo legal, é tão lento, tão fragmentado ..tão deficiente, que tudo apoia e beneficia o acusado.

SA: Eles estão tentando virar o processo de cabeça para baixo e criminalizar as 15 sobreviventes. O estado da Guatemala foi, e sempre será, responsável por este massacre. E entendemos que eles iniciaram um processo contra as 15 sobreviventes, as acusando de serem responsáveis pela morte de suas 41 companheiras.

Parece especialmente cruel atribuir a culpa pela morte de 41 meninas às 15 sobreviventes que já têm que lidar com sua experiência traumática, assim como queimaduras debilitantes, amputações e pobreza. No entanto, um pequeno consolo pode ser obtido com a incrível força e resiliência das mulheres que se reuniram para apoiá-las.

SA: A Guatemala é considerada um dos piores países para ser mulher. É um dos lugares mais inseguros do mundo para ser mulher. A sociedade é machista, super violenta.

Nós não nos sentimos protegidos pelas autoridades e não nos sentimos protegidos pelas instituições que deveriam estar lá para nos proteger. Então, nós nos protegemos, juntas como amigas, juntas como mulheres. Nós criamos laços de solidariedade entre nós mulheres, e buscamos justiça também, juntas como mulheres, certo?

O caso das 56 meninas do HSVA ainda está sendo disputado e ao ouvir, revisar e compartilhar este podcast, você pode fazer parte de um esforço global para condenar essa trágica perda de vidas e garantir que os responsáveis enfrentem a justiça.

VH: O governo quer apagar a memória das nossas crianças. E como uma mãe buscando justiça eu não posso deixar isso acontecer.

Eu preciso que as pessoas saibam disso, não só na Guatemala, não, mas ... em qualquer outro lugar no mundo, para isso nunca mais acontecer em outros orfanatos, ou outros lugares, e para não acontecer de novo na Guatemala.

CRÉDITOS

Muito obrigada a **Vianney Hernández Mejía, Stef Arreaga, Mayra Jiménez e Kimy de León** por compartilharem suas histórias.

Este podcast espera influenciar a política em torno da violência de gênero, compartilhar aprendizados e destacar as vozes de quem trabalha na linha de frente nas comunidades—ficaremos gratas se você puder deixar um comentário e compartilhar para nos ajudar. Para mais informações sobre esse projeto, você pode acessar wrv.org.uk.

Louise Morris foi a produtora e roteirista e **Renata Peppi** a apresentadora.

Larisa Muñoz, Alma Carballo, Esmeralda Lobos e Cecilia Cruz foram as dubladoras e **Natasha Tinsley, Cristina Reynoso López, Hebe Powell e Clarissa Fragoso Pinheiro** nossas tradutoras. Você ouviu músicas de **Rebeca Lane. Eliane Correa** foi nossa engenheira de gravação.

Agradecimentos especiais a: **Jelke Boesten e Rebecca Wilson**.

Mulheres Resistindo à Violência foi financiado pelo ESRC-IAA do King's College London por meio de uma bolsa de estudos com o Latin America Bureau.